

São Carlos 2030

Fabricio Campos Zuardi

São Carlos 2030

Fabricio Campos Zuardi

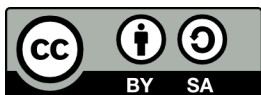
Esse livro está à venda em <http://leanpub.com/socarlos2030>

Essa versão foi publicada em 2020-02-06



Leanpub

Esse é um livro [Leanpub](#). A Leanpub dá poderes aos autores e editores a partir do processo de Publicação Lean. [Publicação Lean](#) é a ação de publicar um ebook em desenvolvimento com ferramentas leves e muitas iterações para conseguir feedbacks dos leitores, pivotar até que você tenha o livro ideal e então conseguir tração.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](#)

Conteúdo

“Fabrício - Leito 109”, é a mensagem que aparece em letras grandes na pulseira da plantonista Karen. Ela mal percebe, está entretida com o exercício de sua aula de pintura em óleo. Continua desenhando cuidadosamente as folhas de um pinheiro com uma espátula.

— Não vai atender? — pergunta o professor de semblante calmo, camisa social, barba, cabelo afro, um pincel em uma mão e uma grande paleta de cores na outra.

A enfermeira para, volta seu olhar ao professor, ergue a cabeça, depois as sobrancelhas e finalmente os ombros.

— Perdão pela interrupção — diz a simulação de Bob Ross, que então aponta a parte de trás do pincel para a área de notificações da interface gráfica do Youtube VR — é que pareceu importante, podemos continuar outra hora...

— Caramba! Aquele senhor da equipe de *badminton* da cidade acordou do coma! Eu preciso ir. Pausa!

Ela retira seu visor da cabeça desarrumando o cabelo enquanto corre para o elevador.

— Seis só. Seeeis!! — grita um jovem com abadá escrito “República Paratudo”, que instensifica o brilho de sua estampa conforme o volume do grito.

— Larga a mão de mentira Kenzo! Eu sei que você não tem nada! — responde a adversária de jaqueta de moletom bordada em fontes aquadradas: “Atlética CAASO”.

— Vai aí, marreca, vai aí. Demora não, isso aqui não é xadrez...

— OK, seu japa safado, desce. Vamos, mostre aí essa manilha logo, ô vagabundo!

Felipe, sorrindo abre sua mão e revela a carta. Um “sete de ouros”.

Quase que imediatamente, Camila olha para sua parceira e as duas, como se houvessem ensaiado, batem com força na mesa e em uníssono berram: “Nooove! Nove, ladrão!”.

Juan tenta convencer seu parceiro de que ainda podem desistir, repetindo o bordão “menina não mente” por algumas vezes com seu sotaque uruguaio, mas sem sucesso. Kenzo bate com o dedo indicador na mesa e diz, desta vez sem gritar e já um tanto mais inseguro:

— Vamos lá vai, quero ver, acho que elas não têm nada, pode vir — um “espadilha” é jogado na mesa. O gordinho tinha razão.

— Droga! Que ódio... não quero jogar outra, estou com fome. Vocês não iam pedir pizza? — pergunta Felipe Kenzo às duas outras pessoas do outro canto da sala.

— Então... — responde Raul, o mais alto da turma — entrei no PizzaNet e eles estão com problemas de novo nos dutos de entrega, você não quer aproveitar que perdeu e ir buscar uma lá no “Hélio”?

— Estas bostas de túneis, nunca vão funcionar aqui no Brasil. De que adianta prometer entregas em até cinco minutos para qualquer ponto da cidade, se o serviço sempre está *offline* por conta do eletroimã, do gerador, ou seja lá qual for a desculpa do dia. Basta depois distribuir cupons de desconto na outra semana que fica por isso mesmo. A gente tem que parar de insistir nisso, nunca funciona este circuito de túneis, e quando funciona a comida chega fria.

— Faz a boa lá “Lipera”, você curte pilotar — diz o barbudo de chinelo de dedo soltando fumaça de narguile pela boca e narinas.

— E o pior é que eu curto mesmo (risos). Beleza, eu busco para vocês, mas só se vocês me prometerem que vão parar de cair no conto desse sistema subterrâneo da modinha, vocês são melhores que isso. Buscar sempre vale mais à pena.

— Anda logo. Para de papo — resmunga Raul.

— Certo, vamos lá, qual delas é a “Hélio” mesmo?

— Heliporto Itália — responde Julia, fechando a caixa do baralho — o *joystick* está na segunda gaveta perto da pia.

— *Joystick*? Essa entregou a idade hein (risos), pode deixar que eu já estou a caminho... Aeroporto Itália, modo manual!

— Você quis dizer **Heliporto** Itália? — confirma o computador metido à besta.

— Sim, você me entendeu. E vocês todos, tratem de ir pre-

enchendo os sabores aí que se na hora do pouso estiver faltando algum, o *default* no meu perfil é de completar automaticamente com Anchovas.

— Eca! — comenta Juan já apertando por três vezes o botão “Napolitana” na tela do seu celular.

A gaiolinha de número quatro na cobertura do edifício Manzano se abre e um drone cor de abóbora, pixado “Fora Guedes”, assim sem vírgula mesmo, levanta vôo com seus ganchinhos barulhentos.

É fim de tarde, duas senhoras de idades aproximadas de quarenta e cinco e cinquenta anos conversam e bebem cerveja num barzinho do centro.

— Ficou muito bonita a decoração daqui né? — comenta a mais nova de cabelo curto.

— Demais, estas plantas são incríveis...

— Cactus parece que está votando à moda — complementa logo antes de dar o último gole.

O copo vazio toca a mesa, que faz um *beep*. A amiga aponta para a origem do som e pergunta: “E aí?”. A toalha com *display* flexível acendera a frase “Mais um baldinho?”.

— Não sei não... acho que eu vou dar uma intercalada com uma “coquinha”...

A pergunta da mesa muda então para: “Pode ser Pepsi?”.

— Ah, mas tenha dó... Vai se fuder... — suspira Juliana.

— Vamos embora?

— Vamos.

As duas pegam suas bolsas e lavantam-se. A pergunta infeliz é então substituída por “Pagamento efetuado. Total: 20 sats, gorjeta: 0”. Elas caminham em direção à saída, o display apaga e a estampa padrão da mesinha volta ao normal: “Meu nome é Távola, chame quando quiser”.

— Já notou como a gente judia desses assistentes?

— Pois é, ficamos mal acostumadas... lembro do primeiro aspirador de pó robô que tivemos em casa, um da China, cor *rose-gold* todo burrinho.

— Nossa, eu tive um desses também!

— Nós tratávamos a máquina como uma criança. Chamávamos de nenê, tirávamos os fios e sacolas de plástico do chão para não enroscar, e depois tínhamos que “tocar a fraldinha”, pois era ainda daqueles que o compartimento de pó você é que tinha que levar até o lixo. O de hoje é superior, mal faz barulho e eu trato ele mal pra caralho, vivo mandando uns “sai pra lá, ô peste!”.

Elas riem, mas logo depois um silêncio toma conta.

— Tudo bem? — pergunta a mais alta.

— Tudo.

— Lembrou dele, né?

— É, mas já passou. Eu só não queria estar solteira de novo, só tem homem bosta nessa cidade.

— Nem me fale, depois do meu segundo divórcio só me aparece tranqueira.

— Ele ia pirar se acordasse hoje...

— Larga de pensar nisso amiga. Quer comer um burrito?

— Boa idéia.
